

SUMÁRIO

Nota do autor	7
Como o rei Nomo irritou-se	9
Como tio Henry encrencou-se	15
Como Ozma concedeu o pedido de Dorothy.....	20
Como o rei Nomo planejou vingança.....	26
Como Dorothy tornou-se princesa.....	32
Como Guph visitou os esquisitões.....	39
Como tia Em conquistou o Leão.....	43
Como o Grande Gallipoot uniu-se aos nomos.....	51
Como o Besourão dava aula de ginástica.....	56
Como viviam os cortadobras.....	64
Como o general conheceu o Primeiro e Mais Importante.....	73
Como eles montaram os quebradinhos.....	82
Como o general falou com o rei	91
Como o Mágico praticou feitiçaria	95
Como Dorothy acabou se perdendo.....	102
Como Dorothy visitou Utênsia.....	109
Como eles chegaram a Canary	116
Como Ozma olhou no quadro mágico.....	124
Como o Coelhoistão recebeu os estranhos	127
Como Dorothy almoçou com um rei	133

Como o rei mudou de ideia	140
Como o Mágico encontrou Dorothy	147
Como eles encontraram os corações-nervosos	154
Como o Homem de Lata contou a má notícia	160
Como o espantalho mostrou sua sabedoria.....	166
Como Ozma se recusou a lutar por seu reino	172
Como os ferozes guerreiros invadiram Oz	179
Como eles beberam da Fonte Proibida.....	182
Como Glinda fez um feitiço.....	187
Como a história de Oz chegou ao fim	191

NOTA DO AUTOR

Talvez eu devesse admitir na folha de rosto que este livro é escrito “por L. Frank Baum e seus correspondentes”, pois usei muitas sugestões transmitidas a mim em cartas de crianças. Antes, imaginava-me como “autor de contos de fadas”, mas hoje sou meramente um editor ou secretário particular de uma série de jovens cujas ideias sou levado a tecer na trama de minhas histórias.

Muitas dessas ideias são inteligentes, além de lógicas e interessantes. Então, as usei sempre que tive oportunidade, e é apenas justo que reconheça minha dívida com meus amiguinhos.

Minha nossa, que imaginação têm essas crianças! Às vezes, quase me choco com a ousadia e genialidade delas. Haverá muitos autores de contos de fadas no futuro, tenho certeza. Meus leitores disseram-me o que fazer com Dorothy, tia Em e tio Henry, e eu obedeci às suas ordens. Também me deram uma variedade de assuntos sobre os quais escrever no futuro: o bastante, aliás, para manter-me ocupado por algum tempo. Tenho muito orgulho dessa parceria. As crianças amam essas histórias, porque ajudaram a criá-las. Meus leitores sabem o que querem e percebem que tento agradá-los. O resultado é muito satisfatório para os editores, para mim e (tenho certeza) para as crianças.

Espero, meus caros, que demore muito para sermos obrigados a dissolver nossa parceria.

L. FRANK BAUM
Coronado, 1910



COMO O REI NOMO IRRITOU-SE

O rei Nomo estava bravo e, nessas ocasiões, tornava-se muito desagradável. Todos se afastavam dele, até seu mordomo-chefe Kaliko.

Assim, o rei irrompeu e esbravejou sozinho, andando para cima e para baixo em sua caverna cravejada de joias, cada vez mais irritado. Então, lembrou que não era divertido ficar irritado, a não ser que tivesse alguém a quem assustar e deixar infeliz, e correu para seu grande gongo, fazendo-o soar o mais alto que podia.

E lá veio o mordomo-chefe, tentando não demonstrar ao rei Nomo o quanto estava assustado.

– Traga o conselheiro-chefe aqui! – gritou o monarca bravo.

Kaliko correu o mais rápido que suas pernas finas conseguiam carregar seu corpo gordo e redondo, e assim que o conselheiro-chefe entrou na caverna, o rei fechou a cara e disse a ele:

– Estou muito atordoado com a perda de meu cinto mágico. A todo momento quero fazer algo mágico e descubro que não posso, porque o cinto sumiu. Isso me deixa bravo e, quando fico bravo, não consigo me divertir. Agora, o que aconselha?

– Algumas pessoas – disse o conselheiro-chefe – gostam de ficar bravas.

– Mas não o tempo todo – declarou o rei. – Ficar bravo de vez em quando é muito divertido, porque faz os outros muito infelizes. Mas ficar irritado de manhã, de tarde e de noite, como eu, fica monótono e me impede de ter outro prazer na vida. Agora, o que aconselha?

– Bem, se está bravo porque quer fazer coisas mágicas e não consegue, e se não quer ficar nem um pouco bravo, meu conselho é não querer fazer coisas mágicas.

Ao ouvir isso, o rei olhou com raiva para seu conselheiro com uma expressão furiosa e puxou seus próprios longos bigodes brancos até esticá-los com tanta força que gritou de dor.

– Você é um tolo! – exclamou ele.

– Compartilho essa honra com Vossa Majestade – disse o conselheiro-chefe.

O rei rugiu de raiva e bateu o pé.

– Ei, ó, meus guardas! – gritou. “Ei” é uma forma real de dizer “venha cá”. Então, quando os guardas tinham “eiado”, o rei disse a eles: – Levem esse conselheiro-chefe e o joguem para fora.

Então, os guardas pegaram o conselheiro-chefe e o amarraram com correntes para que ele não se debatesse, e o jogaram para fora. E o rei andou para cima e para baixo de sua caverna mais bravo do que nunca.

Finalmente, correu até seu grande gongo e o fez soar como um alarme de incêndio. Kaliko apareceu, tremendo e pálido de medo.

– Pegue meu cachimbo! – berrou o rei.

– Seu cachimbo já está aqui, Vossa Majestade – respondeu Kaliko.

– Então, pegue meu tabaco – rugiu o rei.

– O tabaco está no seu cachimbo, Vossa Majestade – devolveu o mordomo.

– Então, traga uma brasa acesa da fornalha – ordenou o rei.

– O tabaco está aceso, e Vossa Majestade já está fumando seu cachimbo – respondeu o mordomo.

– Ora, estou mesmo! – disse o rei, que tinha se esquecido desse fato. – Mas é muito rude de sua parte me lembrar disso.

A CIDADE DAS ESMERALDAS DE OZ

– Sou um vilão humilde e miserável – declarou o mordomo-chefe.

O rei Nomo não conseguiu pensar em nada para dizer depois, então, bafou seu cachimbo e andou para lá e para cá no cômodo. Por fim, lembrou quanto estava bravo e gritou:

– O que está querendo, Kaliko, estando tão satisfeito quando seu monarca está infeliz?

– O que o deixa infeliz? – perguntou o mordomo.

– Perdi meu cinto mágico. Uma garotinha chamada Dorothy, que esteve aqui com Ozma de Oz, roubou meu cinto mágico e levou com ela – disse o rei, rangendo os dentes de raiva.

– Ela o capturou numa luta justa – Kaliko ousou dizer.

– Mas eu quero! Preciso dele! Metade do meu poder se foi com aquele cinto! – rugiu o rei.

– O senhor terá de ir à Terra de Oz para recuperá-lo, e Vossa Majestade não tem maneira alguma de chegar à Terra de Oz – disse o mordomo, bocejando, porque estava trabalhando havia noventa e seis horas e sentia sono.

– Por que não? – perguntou o rei.

– Porque há um deserto mortal em torno de toda aquela terra mágica que ninguém consegue cruzar. Vossa Majestade sabe disso tanto quanto eu. Deixe o cinto perdido para lá. O senhor ainda tem muito poder, pois governa este reino subterrâneo como um tirano, e milhares de nomos obedecem às suas ordens. Aconselho que beba um copo de prata derretida para acalmar seus nervos e vá para a cama.

O rei pegou um grande rubi e jogou na cabeça de Kaliko. O mordomo abaixou-se para escapar da joia pesada, que bateu contra a porta logo acima de sua orelha esquerda.

– Saia da minha frente! Suma! Vá e mande o general Blug entrar – berrou o rei Nomo.

Kaliko retirou-se às pressas, e o rei Nomo bateu os pés para cima e para baixo, até o general dos exércitos chegar.

Esse Nomo era conhecido por todo lado como um lutador terrível e um comandante cruel e desesperado. Tinha cinquenta mil soldados nomos,

todos bem treinados, que temiam apenas seu rugido. Mesmo assim, o general Blug ficou um pouco inquieto ao chegar e ver como o rei Nomo estava bravo.

– Ah! Aí está você! – gritou o rei.

– Aqui estou eu – disse o general.

– Marche com seu exército imediatamente à Terra de Oz, capture e destrua a Cidade das Esmeraldas, e traga-me de volta meu cinto mágico – rugiu o rei.

– O senhor está louco – comentou calmamente o general.

– O quê? O quê? O quê? – e o rei Nomo pulou nas pontas dos pés, de tão enraivecido.

– O senhor não sabe do que está falando – continuou o general, sentando-se num grande diamante lapidado. – Aconselho que vá para um canto e conte até sessenta antes de voltar a falar. Aí, talvez diga algo mais sensato.

O rei procurou algo para jogar no general Blug, mas como não havia nada à mão, começou tolamente a considerar que talvez o homem estivesse certo e ele estivesse dizendo tolices. Então, simplesmente se jogou em seu trono brilhante, inclinou a coroa por cima da orelha, colocou os pés embaixo do corpo e lançou um olhar maldoso a Blug.

– Para começar – disse o general –, não podemos marchar pelo Deserto Mortal até a Terra de Oz. E, se pudéssemos, a princesa Ozma, governante daquela terra, tem certos poderes mágicos que fariam nosso exército impotente. Se o senhor não tivesse perdido seu cinto mágico, podíamos ter alguma chance de derrotar Ozma; mas o cinto se foi.

– Eu quero! – gritou o rei. – Preciso dele.

– Bem, então, deixe-nos tentar uma forma sensata de recuperá-lo – respondeu o general. – O cinto foi capturado por uma garotinha chamada Dorothy, que mora em Kansas, nos Estados Unidos da América.

– Mas ela o deixou na Cidade das Esmeraldas, com Ozma – declarou o rei.

– Como sabe disso? – perguntou o general.

A CIDADE DAS ESMERALDAS DE OZ

– Um de meus espiões, que é um melro, voou sobre o deserto até a Terra de Oz e viu o cinto mágico no palácio de Ozma – respondeu o rei com um murmúrio.

– Agora, isso me dá uma ideia – disse o general Blug, pensativo. – Há duas formas de chegar até a Terra de Oz sem viajar pelo deserto arenoso.

– Quais são? – exigiu o rei, ansioso.

– Uma forma é *por cima* do deserto, pelo ar; e a outra é *por baixo* do deserto, pela terra.

Ao ouvir isso, o rei Nomo soltou um grito de alegria e pulou de seu trono para continuar andando para lá e para cá na caverna.

– É isso, Blug! – gritou ele. – Essa é a ideia, general! Sou rei do Submundo, e meus súditos são todos mineiros. Vou fazer um túnel secreto por baixo do deserto até a Terra de Oz. Isso! Até a Cidade das Esmeraldas! E você marchará com seus exércitos e capturará o país todo!

– Devagar, devagar, Vossa Majestade. Não vá rápido demais – avisou o general. – Meus nomos são bons lutadores, mas não são fortes o bastante para conquistar a Cidade das Esmeraldas.

– Tem certeza? – questionou o rei.

– Absoluta, Vossa Majestade.

– Então, o que vou fazer?

– Desista da ideia e cuide dos seus próprios assuntos – aconselhou o general. – Tem muito a fazer tentando governar seu reino subterrâneo.

– Mas quero o cinto mágico, e vou conseguir! – rugiu o rei Nomo.

– Quero ver – respondeu o general, rindo malicioso.

O rei, nesse momento, ficou tão exasperado que pegou seu cetro, que tinha uma bola pesada feita de safira na ponta, e jogou com toda a força no general Blug. A safira bateu na testa do general e o derrubou no chão, onde ele ficou imóvel. Então, o rei soou seu gongo e disse para os guardas arrastarem o general e o jogarem para fora; e assim o fizeram.

Esse rei Nomo chamava-se Roquat, o Vermelho, e ninguém o amava. Era um homem ruim e um monarca poderoso, e tinha decidido destruir a Terra de Oz e sua magnífica Cidade das Esmeraldas para escravizar a

princesa Ozma e a pequena Dorothy, e todo o povo de Oz, e recuperar seu cinto mágico. O mesmo cinto certa vez permitira que Roquat, o Vermelho, levasse a cabo muitos planos malignos; mas isso fora antes de Ozma e seu povo marcharem até a caverna subterrânea e o capturarem. O rei Nomo não perdoava Dorothy nem a princesa Ozma e tinha determinado vingar-se delas.

Mas elas, por sua vez, não sabiam que tinham um inimigo tão poderoso. De fato, Ozma e Dorothy tinham quase esquecido que uma pessoa como o rei Nomo ainda vivia sob as montanhas da Terra de Ev – que ficava logo depois do Deserto Mortal, ao sul da Terra de Oz.